

# **EXPLORANDO O (IN)VISÍVEL E UMA POSSÍVEL CEGUEIRA: UM CORPO E UMA ESCRITA ABERTOS À UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA POR MEIO DE EXPERIMENTAÇÕES SENSÍVEIS**

**Rodrigo Gonçalves dos Santos**

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Foi professor do Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) entre 2003 e 2013. Atualmente é Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

**Resumo:** Trata-se de uma escrita experimental que se abre na tentativa de elucidar uma experiência sensível acerca da educação estética. É trazido um deslocamento metodológico que revela uma criação de uma narrativa situando um diário fictício que contracena com um diário não-fictício, traçando, assim, relações entre o estudado e o experienciado e diluindo fronteiras. Surge, então, uma história ficcional para poder deixar uma experiência narrar-se e, desta maneira, proporcionar outros olhares e leituras. Nesta ficção-realidade apresenta-se o contágio do universo da cegueira e revela-se tal universo como uma experiência perceptiva e estética, colocando em questão quem é o verdadeiro cego: aquele que não-vê ou aquele que (pensa que) vê.

**Palavras-chave:** corpo, cegueira, fenomenologia, experiência estética, escrita experimental.

## **EXPLORING THE (IN) VISIBLE AND A POSSIBLE BLINDNESS: A BODY AND A WRITTEN OPEN TO AN AESTHETIC EDUCATION THROUGH SENSITIVES EXPERIMENTATIONS**

**Abstract:** This is an experimental written that opens to elucidate a sensitive experience about aesthetic education. It brought a methodological shift from a search reveals that a creation of a narrative placing a fictional diary that acts with a not-fictional daily, thus mapping relationships between the studied and experienced and diluting borders. Then comes a fictional story might leave an experience to narrate themselves and, thus, provide other perspectives and readings. This fiction-reality presents the contagion of the universe of blindness and proves that universe as a perceptive and aesthetic experience, questioning who the real blind man: who not-sees or who (that thinks) sees.  
**Keywords:** body, blindness, phenomenology, aesthetic experience, experimental writing.

## **Um pesquisador, uma bicicleta, uma biblioteca e um encontro com um diário: fronteiras de uma ação de pesquisa**

Inevitavelmente, pesquisar remete-me ao ato de ler. Ler me faz lembrar de meu encantamento por bibliotecas... Parecem templos... Perto de onde eu morava existia uma belíssima biblioteca, e há tempos eu a visitava. Milhares de livros nas estantes, cada uma com meticulosa classificação a qual parecia um mapa de tão bem esclarecedora. Nunca me perdi ao tentar encontrar algum livro. Na realidade, me perdia em meio aos autores dos livros e me detinha em suas histórias de vida, suas fotografias. Nunca fui habituado a ler biografias, mas os prefácios dos livros, esses sim me prendiam atenção. Saber como os livros foram feitos, as situações em que foram escritos, os contextos das escritas... Às vezes tirava as tardes apenas para ler os prefácios. Até hoje não me arrependo. Em cada prefácio eu me construía também e (por que não?) sentia em minha pele as circunstâncias que conduziam as escritas daquilo que estava lendo.

As minhas visitas àquela biblioteca eram, para mim, quase um culto diário. Ia de bicicleta. Pedalando eu já preparava meu corpo para assimilar as histórias e teorias que iria encontrar. Por vezes eu já ia com livros pré-escolhidos e era só encontrá-los nas estantes. Por outras vezes eu deixava ao acaso e passeando entre as estantes sacava um livro e me colocava a lê-lo.

Certa tarde, após deixar minha bicicleta devidamente segura em frente à biblioteca, segui a uma estante que até então me havia passado despercebida. Nela existiam livros velhos com capas duras, alguns parecendo cadernos de anotações ou diários. Um me chamou atenção. Sua capa era dura e tinha uma sobrecapa branca com bonitos desenhos florais em baixo relevo. Também em baixo relevo lia-se *A percepção de Outrem e o Diálogo* em letras ornadas entrelaçando-se com os motivos florais. A sobrecapa estava em alguns pontos grudada à capa e se tentássemos tirá-la, rasgava-se um pouco de uma e um pouco da outra. Lembrei-me de uma história sobre a túnica de Nessus a qual adería ao corpo de quem a usasse arrancando-lhe a pele caso se tentasse tirá-la.

Pus-me a ler o livro, obviamente pelo prefácio. O prefácio era uma advertência. Ou melhor, o livro nem livro era. O prefácio-advertência advertia-me que eu estaria lendo um diário, e que neste diário eu mergulharia numa íntima relação acerca da

percepção de outrem e do diálogo. Fui invadido por uma curiosidade e prossegui a leitura. Um diário é algo que me desperta indagações sobre a existência humana. Como um diário tem a capacidade de se comunicar conosco? Que histórias se escondem na história descrita pelo diário? A ideia de ler o diário de outrem excitou-me porque eu também tenho um diário. E se alguém o encontrasse leria nele partes de minha trajetória de vida.

Voltando ao prefácio-advertência, descobri que o diário era de um Escritor e Filósofo nascido em 14 de março de 1908 em Rochefort e morto em 4 de maio de 1961 em Paris. Este escritor foi líder do pensamento fenomenológico na França, e o diário que estava lendo possuía partes de anotações que transitaram em vários de seus livros e escritos de maior repercussão. Ainda como advertência, era-me lembrado que o diário ficou inacabado e muitas páginas possuíam lacunas, rasuras, palavras e frases ilegíveis. Logo pensei: tal como é nossa vida em alguns momentos. O prefácio-advertência não foi escrito pelo autor do diário. Na realidade, o diário, propositalmente, não tinha as primeiras páginas escritas e quem o encontrou, após a morte de seu autor, escreveu o prefácio o qual além de ser uma advertência era também um belíssimo epitáfio:

[Diário do Escritor e Filósofo, Advertência ao leitor]

É talvez um risco, pensarmos, entregar a público um manuscrito posto de lado por seu autor, mas quanto mais pesada seria a decisão de relegá-lo à mala de onde os seus o haviam tirado, quando nele encontramos um maior poder de compreensão da obra do filósofo e de interrogar o que ele nos dá a pensar<sup>1</sup>.

Nas páginas seguintes do Diário do Escritor e Filósofo deparei-me com a situação que eu estava vivenciando. Estranha coincidência que me tocou e me lembrou as experiências que estavam sendo vividas por mim e que pareciam terem sido vividas também pelo Escritor e Filósofo autor do diário. Destaco que a primeira coincidência foi que eu também deixei as primeiras páginas de meu diário em branco. Sempre tenho dificuldades de começar um caderno, ou neste caso um diário, escrevendo na primeira página. Sempre deixo uma “folga” de três páginas. Nunca soube explicar o porquê disso. Lendo o Diário do Escritor e Filósofo percebi que as páginas que deixei em branco serão futuramente meu epitáfio literário... Em meu diário, o qual chamo de Diário de Bordo, venho registrando uma experiência que assinala a percepção de outrem e um possível diálogo. Em meu Diário de Bordo tento colocar por meio de descrições somadas às minhas reflexões uma experiência realizada com pessoas com cegueira... Busco, assim, traçar paralelos entre o estudado e as minhas vivências junto àqueles que

incitam a constante indagação que me acompanha há tempos: o que estou vendo? Confesso que não é uma tarefa fácil! Estamos acostumados a sermos indiferentes perante à diversidade... Nesta experiência deparei-me com corpos diferentes, com percepções diferentes das que eu tenho. Tive contato com *um outro* muito diferente de mim.

### **Deslocamento acerca do método e da escrita da/na pesquisa**

É por meio do contato com um outro que meu trabalho se inicia. Assim, inicio pelo início por mais que ele pareça ser o fim. Eis um texto. Um texto que se centra na angústia do olhar, da percepção. Traz consigo – num incidente, talvez – o (in)visível. Não se trata de um texto que fala de pessoas com cegueira. Se há um lugar de onde se ouve este texto, este lugar é o “entre”. Logo, o texto está “entre” as pessoas com cegueira e pessoas sem cegueiraii. E o que emerge disto? Uma obra aberta... Opto por já de início situar este texto como uma obra aberta. Aberta para possibilidades de interpretações. Aberta para finalizar ciclos na mente de quem o lê. Aberta para convites de reflexões. É uma escritura que procura vir com seriedade e rigor científico envoltos na plasticidade das palavras, no rearranjo de frases, no entrelaçamento de letras. Talvez, um desenrolar de ideias que pairavam soltas e que decidiram tomar forma num texto. Será que elas encontrariam um lugar para serem lidas? Pode ser o início de uma tentativa... Neste movimento, eis que um outro texto aparece na tentativa de articular tudo o que solidamente apresenta-se. É um texto que revela a descoberta de um diário e seu entrelaçamento com um outro diário, descrevendo uma trajetória existencial por meio de uma experiência realizada com pessoas com cegueira. A intenção é deixá-lo pairando no ar, aparecendo e desaparecendo oportunamente em pontos da escritura oficial. Ele poderá ser notado por sua situação de quase-ser, por sua intromissão... Nesta tentativa ele corre o risco de desmanchar-se, de parecer inacabado... Esta é a sua contribuição: sua intromissão e seu inacabamento renovam a leitura, trazem a repetição do centro ou da origem, fazem todo o texto e toda a leitura se redobrar. O leitor já deve ter percebido tal texto que se “intromete” (que “intro-missão” é esta?) como sendo o texto que revela a descoberta do Diário do Escritor e Filósofo. No entanto, gostaria de esclarecer ao leitor que o Diário do Escritor e Filósofo nunca existiu. Na realidade, as frases que aparecem e que são atribuídas a tal diário são frases do livro *O homem e a comunicação: a prosa do mundo* de Merleau-Ponty (1974), e são devidamente identificadas de onde foram extraídas. São frases que resultaram da leitura do texto

merleau-pontyano e trouxeram um significado maior à minha própria experiência com o outro. Transformá-las em um diário foi uma licença poética que tomei para articulá-las com o meu Diário de Bordo, o qual realmente existiu e serviu de instrumento para registrar parte de meus vividos com as pessoas com cegueira. Criar um diário fictício contracenando com um diário não-fictício, foi uma ideia de traçar relações entre o estudado e o experienciado diluindo fronteiras. Escrevo, assim, uma história ficcional para poder deixar uma experiência narrar-se e, desta maneira, proporcionar outros olhares e leituras.

No início de tudo (e no fim também) queria investigar a cegueira. Ledo engano! Acho que o verdadeiro cego era eu ao querer investigar uma das milhares maneiras de habitar um mundo. Será que esta maneira de habitar o mundo permite que eu também habite o mundo à minha maneira? Eis o desafio maior.

### **A face de outrem**

[Diário do Escritor e Filósofo, 13.08.74]

As configurações de nosso mundo são todas mudadas porque uma dentre elas foi arrancada à sua simples existência para representar todas as outras e se tornar chave ou estilo deste mundo, meio geral de interpretá-lo. Não notamos o suficiente que outrem nunca se apresenta de face. Mesmo quando, no auge da discussão, eu enfrento o adversário, não é nesse rosto violento, ameaçador, não é nem mesmo nessa voz que vem para mim através do espaço que se encontra verdadeiramente a intenção que me atinge. O adversário jamais é totalmente localizado: sua voz, sua gesticulação, seus tiques, não passam de efeitos, uma espécie de encenação, uma cerimônia<sup>iii</sup>.

Afinal, que face tem o outrem? Por que esta nunca se apresenta? A ira de quem me agride, ira esta que vejo, efetivamente não existe? É uma cerimônia? Então o que vejo quando a ira se apodera de meu adversário o qual é meu outrem? Na mesa da biblioteca, com o Diário do Escritor e Filósofo em mãos, refleti. Retirei de minha bolsa o meu Diário de Bordo e, inevitavelmente, coloquei-o ao lado do Diário do Escritor e Filósofo. Abri uma página de cada diário e olhei-as. Ali vi em cada página uma escrita que revelava um corpo. Fiz um gesto de colocá-las exatamente no mesmo alinhamento, fazendo com que uma parecesse a continuidade da outra. Diferenciavam-se as letras e a cor das páginas, mas a essência que dali exalava pareciam afins. Abandonei este gesto e disse comigo mesmo: “Imagina! Quanta prepotência a minha! Comparar-me com o Escritor e Filósofo!” Mas o gesto teimou em se repetir, e pus-me a ler os dois Diários como se fossem um só.

No cerne de meu Diário de Bordo habitam as descrições das aulas de *yoga*<sup>iv</sup>, as quais sou instrutor, para uma turma composta em média por seis alunos. Dentre estes, apenas dois têm baixa visão e os demais são totalmente cegos<sup>v</sup>. As aulas consistem na execução de posturas psicofísicas próprias do *yoga*. Em uma aula para não-cegos as posturas são realizadas pelos alunos por meio de imitações dos movimentos feitos pelo instrutor. Não há maiores problemas, pois ao se ter dúvida é só olhar o instrutor e imitar a postura que ele está fazendo. E para pessoas com cegueira? Como eles imitariam movimentos que não conseguiriam ver? Isto me desafiou e me desafia... Decidi partir para uma investigação corporal que me poria em contágio com este invisível tão amedrontador que é conduzir uma prática corporal de pessoas que não vêem. Ainda, excitei-me pela possibilidade da descrição das posturas. Pensei comigo: eis aqui um exercício para saber até que ponto me situo num universo de descrição o qual me remeteria às coisas mesmas. Mudaria, assim, um referencial visual tão corriqueiro para acionar em mim um referencial não-visual. Este sim, cheio de mistérios, os quais trariam de volta meus vividos para tocar os vividos daqueles que estariam fazendo *yoga* comigo. Decidi experimentar.

#### **[DIÁRIO DE BORDO, 13.08.10]**

Simples. Mais simples que pensei. Mas ao ser simples foi extremamente complexo. (...) Conversamos durante uns quarenta minutos. Estavam todos super receptivos e me senti à vontade com eles. (...) Por vários momentos me esqueci que eu estava com pessoas com cegueira e não reparei na suposta “deficiência”. Vi que eles vêem! A consciência corporal deles supriu minhas expectativas e constatei que alinhamento (verticalidade) não é o forte de quem é totalmente cego. (...) Fiz poucas posturas com eles. Trabalhei bastante a respiração e acho que este é o caminho. Ensinei a postura *padmasana* (flor de lótus) e o *anjali mudra* (gesto da prece). No fim da aula pedi para que repetissem e vi que todos memorizaram a postura e o *mudra*. Reparei que feito uma vez o corpo deles memoriza a postura, não necessitando de correções e ajustes.

Eu me esquecer que estava entre pessoas com cegueira foi minha primeira surpresa. Ora, o que isto significava? Será que eu estava realmente me esquecendo ou que apenas me defendia da diferença por meio de uma indiferença minha? Às vezes penso que este esquecer poderia ser um mecanismo de defesa... Depois aos poucos e em outras aulas fui vendo que não era “defesa” nem “indiferença”. Eu percebia que em cada encontro, parecia que era acionado em mim um cego que nunca fui. Seria isto um desejo de ser aquilo que não sou? Ou seria isto justamente o contágio ao qual tanto me preparei em minhas leituras e estudos? O fato de me esquecer que eram pessoas com cegueira não me incomoda, pelo contrário me deixa muito à vontade.

[Diário do Escritor e Filósofo, 20.08.74]

O corpo de outrem está na minha frente – mas, quanto a ele, leva uma singular existência: entre eu que penso e esse corpo, ou sobretudo perto de mim, ao meu lado, ele é como uma réplica de mim mesmo, um duplo errante, obseda o que me cerca mais do que aí aparece, é a resposta inopinada que recebo de alhures, como se por milagre as coisas se pusessem a dizer meus pensamentos, é sempre para mim que seriam pensantes e falantes, já que são coisas e que eu sou eu. Outrem aos meus olhos, fica então sempre à margem do que vejo e escuto, está ao meu lado, do meu lado ou atrás de mim, não está nesse lugar que meu olhar esmaga e esvazia de todo interior. Todo outro é um outro eu mesmo<sup>vi</sup>.

O Escritor e Filósofo trazia-me em seu diário uma explicação àquilo que eu fazia e ainda faço. Talvez aí resida a semelhança possível entre os dois Diários. Nas aulas de yoga que descrevo no Diário de Bordo, a minha tentativa é um empréstimo de meu corpo a outrem. Seria isto possível? Eu queria que o outrem apenas sentisse meus músculos e a totalidade de meu corpo para, então, repetir, imitar-me. Desejaria, por meio deste empréstimo, que o corpo de outrem fosse uma réplica de mim mesmo? Esta réplica se situaria às margens do que vejo e escuto uma vez que esta réplica (não) sou eu?

#### [DIÁRIO DE BORDO, 03.09.10]

Confortante. (...) Tentei trabalhar mais a questão das referências internas do corpo. Reparo que desta maneira a postura fica melhor e não corremos o risco de nos machucarmos. Como isto é feito? Descrevo a postura detalhadamente pedindo para se colocar, por exemplo, o pé direito perto da nádega, junto ao chão. Aqui a referência é o pé, a nádega e o próprio chão. Tudo diz respeito a um espaço de referência interno ao próprio cego. São partes de seu corpo que ficam próximas a outras partes de seu corpo. Ao contrário, se pedisse para se deslocar o pé junto ao corpo fazendo uma diagonal com as pernas acima da linha dos quadris, as informações ficam vagas, as referências muito externas dificultam a execução, dão margem à variações que não condizem com a postura. Percebi a falta de consciência corporal de Taila. Que histórias aquele corpo guarda? “Em cima” e “para baixo”, são coisas que ela não dimensiona bem, exagerando nas distâncias. (...) O Fred tem boa consciência corporal, o que me chamou a atenção! D. Terezinha está ótima e disse-me que a vida melhorou! (P.S.: A Taila ensinou ao Fred o *tadasana* - postura da montanha. Fiquei surpreso e muito feliz ao ver isto. Taila modelou o corpo de Fred de acordo com a memória que ela adquiriu da postura que ela havia feito nas aulas anteriores. A postura ficou perfeita!)

Reflico sobre as referências que temos de nosso próprio corpo. Não tenho muita certeza se apenas ouvindo uma instrução de como realizar uma postura eu conseguiria executá-la. Noto que internamente há um espaço que me é mais fácil acessar. Minhas vértebras, por exemplo, estão umas sobre as outras. Se me pedem para tracioná-las, presumo que o movimento é de puxá-las liberando espaço entre elas. Pedindo-me para torcê-las, sei que girando sobre o eixo que a coluna forma estarei torcendo-as. Isto é um espaço interno, uma referência interna. Outro exemplo: palmas das mãos tocando a

lateral das coxas mantendo os braços retos ao longo do corpo. Todas as partes envolvidas neste movimento acionam um espaço de dentro para fora de meu corpo. Percebi que estas descrições são melhor assimiladas pelas pessoas com cegueira. O que acontece? Parece-me que é acionada uma percepção interna de si mesmo, um contato mais íntimo com seu próprio corpo. Arrisco-me a pensar que a própria identidade corporal de um sujeito cego e não-cego surge desta ideia de espaço interno. É um espaço interno a seu próprio corpo que antecede o movimento. É algo *pré-movimento*, primeiro se pensa neste espaço interno e depois se move o corpo moldando um espaço externo. É nesta modelagem do espaço externo feito pelo pré-movimento do espaço interno que visualizamos o movimento propriamente dito. Os não-cegos não conseguem reparar muito bem neste processo *espaço interno – pré-movimento – espaço externo*, centrando suas atenções apenas no espaço externo, aquele que já está modelado pelo movimento. É no espaço externo que situamos as referências visuais como alto, baixo, em cima. Estas referências vejo que soam difíceis às pessoas com cegueira. Elas precisam montá-las previamente demandando um tempo mais demorado.

[Diário do Escritor e Filósofo, 03.09.74]

Mas há um eu que é outro, que está instalado alhures e me destitui de minha posição central, embora, de toda evidência, só possa tirar de sua filiação sua qualidade de mim. Os papéis do sujeito e do que ele vê se trocam e se invertem: eu acreditava dar ao que eu via seu sentido de coisa vista, e uma dessas coisas repentinamente se furta a essa condição, o espetáculo vem a se dar a si mesmo um espectador que não sou eu, e que é copiado sobre mim. Como isso é possível? Como posso ver alguma coisa que se põe a ver?<sup>vii</sup>

Nesta minha reflexão reside uma interessante maneira de perceber o outro. Percebendo o outro, percebo-me também. Que espaços internos estamos acionando? Que vividos tocam estes espaços internos? Como vemos estes espaços internos ao nos movimentarmos? O que é *ver* estes espaços internos? Seria este *ver* a nossa maneira de habitar o mundo?

### **Um corpo que se deixa moldar: um outro olhar sobre (ensinar) os atributos visuais da forma**

[DIÁRIO DE BORDO, 10.09.10]

Tranquilo. (...) Consegui descrever as posturas levando em conta o espaço interno de cada um. Entendi que cada um monta a postura de acordo com seu entendimento. Vejo que o corpo de cada um responde à sua maneira à postura. A referência visual “se perde”, mas a montagem é íntima a cada ser. A essência da postura está lá, o corpo moldou esta essência e se adaptou da melhor maneira. O corpo acolhe a postura e a executa. (...) Como professor, verifico aquele acolhimento, ajusto evitando problemas de lesão, e deixo os alunos assimilarem a postura. Presumo que cada corpo guarde em sua

memória celular a postura, pois quando a repetimos os alunos conseguem executar.

Que corpo é este que responde e se deixa moldar? Que histórias afloram de um corpo assim que este se move e executa uma postura? Como são notadas as peculiaridades do outro por meio de meu corpo? Que respostas o meu corpo dá ao outro que me observa? Seria este outro que me observa um pedaço do meu próprio eu que me retorna a cada percepção que tenho do outro?

Chego a pensar que na forma da postura de *yoga* existe uma possibilidade de proporcionar àquele que a pratica uma maneira de compreender a própria forma em si. Se pararmos para descrever uma postura de *yoga*, vemos que recorreremos a retas, pontos, planos... Ora, não seriam estes os princípios da forma na sua composição mais elementar? Então, aquele que executa uma postura de *yoga* está modelando um suporte. Aprofundando este raciocínio, podemos sugerir que este suporte que está sendo modelado é o espaço e o corpo. O corpo é modelado por meio de linhas que o torcem, alongam-no, situam planos que o interseccionam. No espaço, configuram-se vazios que o próprio corpo deixou em relação a si mesmo, e uma distância entre outros corpos. Tudo isto planifica um desenho formal, uma composição plástica e ao mesmo tempo efêmera. E como a construção desta forma se dá? Analogias visuais falham quando se trata de corpo na sua totalidade. As analogias devem ser outras... Aqui, novamente, referências internas e externas são acionadas e solicitadas que se espacializem. Talvez sejam delas que as analogias devem ser feitas. É por meio delas que vividos vem à tona e modelam os corpos ou os deixam ser modelados. Tão difícil é ajustar uma postura quanto difícil é o vivido que está sendo acionado por quem é ajustado na execução daquela postura. É uma constante negociação que o corpo faz na situação em que se coloca como suporte em uma modelagem. Assim, indago: ensinar os atributos visuais da forma e sua modelagem poderiam passar por uma experiência corporal como uma aula de *yoga*? Ao modelar estes atributos e configurar formas variadas, um cego (aquele que não vê?) poderia ter a possibilidade de projetar um objeto, um espaço físico, uma marca visual? No cerne destas indagações está a própria condição do ensino dos atributos visuais da forma e de sua criação e modelagem. Para não-cegos este ensino se centra nos aspectos visuais, o que limita a própria criação e modelagem da forma. Talvez, estas indagações se estendam a uma possibilidade de se repensar um ensino dos atributos visuais da forma que inclua outros sentidos além da visão, explorando a

totalidade de um corpo aberto à uma educação estética por meio de experimentações sensíveis.

O corpo de outrem que se deixa moldar é justamente aquele corpo que faz parte de meus objetos. No Diário do Escritor e Filósofo deparei-me com esta estranha e difícil possibilidade: o outrem e seu corpo é um objeto em meu mundo. Vejo assim que reside uma pronúncia de meu próprio mundo o qual pensava ser impossível de ser pronunciado de outra maneira se não a que eu mesmo sempre pronunciava. Este outro gesticulando em meus objetos mostra-me um mundo que às vezes não quero ver. Mas isto tudo é o que percebo daquilo que nasce todos os dias em meu próprio mundo!

Por um momento fechei os dois Diários e caminhei pela biblioteca. Fui até ao jardim interno e coloquei-me a apreciar um frondoso ipê amarelo. Sua floração intensa pintava de amarelo aquele jardim evidenciando as janelas que para ele se abriam. Em cada janela eu via pessoas estudando. Será que elas viam o ipê de onde elas estavam? E se viam o que estavam sentido ao verem? Presumo que a beleza deste ipê alguma coisa produziria neles pois ela havia produzido algo em mim. Ali mesmo naquele jardim tornei a abrir os dois Diários e repeti o gesto de colocá-los lado a lado. O significava este gesto, afinal? Ali eu ensaiava um entrelaçamento com o Escritor e Filósofo sem sombras de dúvida... Queria com aquele gesto ser o próprio ipê sendo observado por outrem. Apenas ser observado, percebido, notado. Não necessitava, por meio daquele gesto, que nada, efetivamente, se explicasse. Não havia necessidade, com aquele gesto, que as coisas fossem atribuídas de um significado elaborado. Tratava-se apenas de um ipê amarelo florido, nada mais.

#### **[DIÁRIO DE BORDO, 17.09.10]**

Segurança. Hoje mudamos de sala e caminhei com os alunos da sala onde fazíamos *yoga* para uma nova sala. Reparei o domínio de todos naquele espaço que eu apenas conhecia de vista como visitante. Fui guiado por eles, e acho que esta hoje foi minha prática de *yoga*... Deixei-me durante alguns minutos ser conduzido por um corredor ao ar livre florido com alpínias vermelhas. Vi como eles vêem e o quanto são iguais a mim numa essência humana. A aula de *yoga* aconteceu em um espaço menor mas mais agradável. Executamos posturas conhecidas por eles e me detive a ajustes sutis e mais pontuais.

Mudamos de espaço: um espaço menor e mais agradável... Lembrei-me de Gaston Bachelard (1993) ao nos falar que o encolhimento do espaço pertence à fenomenologia do verbo habitar. Com efeito, não encontramos nas próprias casas redutos e cantos onde gostamos de nos encolher? Só habita com intensidade aquele que

soube se encolher. Acolher o sentimento de refúgio é fechar-se sobre si mesmo, retirar-se, encolher-se, é uma expressão do dinamismo do retiro. Os movimentos do encolher estão gravados nos músculos...

Fiz um desenho no chão do jardim da biblioteca. Era um círculo e coloquei dentro dele as flores amarelas que haviam caído do ipê. No interior de meu mundo tal desenho/gesto estava sendo repetido. Acolhia os ensinamentos do Escritor e Filósofo e colocava-os dentro de um círculo desenhado em meu íntimo. Este acolhimento passou a ser um gesto que repito em minhas aulas de *yoga*. No Diário de Bordo descrevo o encantamento ao ser guiado pelas pessoas com cegueira. Sinto-me acolhido neste guiar... Parece que elas estão colocando-me num círculo desenhado em seus íntimos. O acolhimento é recíproco. O gesto é o mesmo para ambos, os que guiam e eu que sou guiado. Afinal, quem guia quem?

[Diário do Escritor e Filósofo, 17.09.74]

Outrem não está em nenhum lugar no ser, é por detrás que ele desliza em minha percepção: a experiência que faço de minha tomada sobre o mundo é o que me torna capaz de nele reconhecer uma outra e de perceber um outro eu mesmo, se somente, no interior de meu mundo, se esboça um gesto semelhante ao meu<sup>viii</sup>.

Levantei-me daquele jardim e, andando em direção ao interior da biblioteca, folhiei mais algumas páginas do Diário do Escritor e Filósofo. Sentei-me em uma cadeira e sobre meu colo descansei o Diário de Bordo. Observei-o e pensei nos entrelaçamentos que temos com o outro. Lembrei-me de um espetáculo de dança no qual uma das dançarinas antes de sua coreografia dizia: “Eu e o mundo somos um no outro”... Inevitavelmente, completei a frase : “Eu e o mundo e o outrem somos um no outro, tecidos da mesma carne”.

**[DIÁRIO DE BORDO, 24.09.10]**

Observar. Hoje antes da aula conversei com Arlan e ele me perguntou se eu era alto (!) Respondi que era pouca coisa mais alto que ele. Perguntei “por quê?” Então ele falou que estava me vendo e já imaginava que eu era alto! Continuei perguntando “Por quê? Como?” Então ele me explicou *como* via. Contou-me que tinha baixa visão desde pequeno e que foi perdendo gradativamente o resquício de visão até hoje. Atualmente ele tem mais ou menos 10% da visão. Quando era pequeno ele via um pouco mais e foi na infância que ele memorizou algumas referências visuais. Assim, hoje ele fala que vê “luzes” acima das pessoas, como “chamas”. Acima de mim ele viu luzes azuis e alaranjadas e dessa maneira ele supôs como eu era, inclusive minha altura. Lindo esta percepção!

Acordo de manhã. Abro meus olhos. Vejo um mundo que estou a minha vida inteira aprendendo a ver. Este mundo estou construindo paulatinamente desde meu

nascimento. Por meio de experiências, classificações e memórias, construo o mundo em que vivo. Por que com um cego isto seria diferente? Você poderia me dizer: “ah, porque ele não enxerga, essa construção é bem diferente da minha”. Correto... Mas o que seria este enxergar? Fico pensando se o cego não tem uma maneira sua de enxergar. Quando converso com um cego eu me abro às suas experiências não-visuais e me pego vendo que o cego vê em seu ser não-visual. Parece um paradoxo? Não sei... creio que não.

### **À guisa de conclusão**

Parti para uma experiência com as pessoas com cegueira com um ponto específico a saber: como elas percebiam as formas daquilo que eu via? Ainda queria saber se elas poderiam reproduzir estas mesmas formas. Assim, adentrando neste universo da cegueira, vi o quanto de luz ela tem! Reparei que aquilo que vemos é uma superfície de algo que está mais além. Desenvolvi um olhar além da própria coisa entendendo como ela pode ser na sua essência. Despertei em mim um novo universo sensível que me exigia outros olhos completamente diferentes dos que eu tinha. Estes olhos traziam a mim o olhar do não-ver. Então eu não-via para ver além daquilo que via. Mas o que eu estava vendo? Eis a incansável indagação primeira...

Eu estava vendo e não-vendo um ser humano que voltava às suas origens para entender o quão belo é existir. Eu via e não-via que ser espectador daquilo que acontece sem julgar nada é um exercício sensível que abre um corpo para uma condição pré-reflexiva. Ver e não-ver foram minha condição de pesquisador que contagiou minha própria vida. Ver e não-ver exigiram e exigem a minha vida...

Decidi interromper a leitura dos dois Diários. Uma pausa para respirar outros ares. Tive que deixar o Diário do Escritor e Filósofo na biblioteca. Sei que agora que o conheço, este, recorrentemente, cairá em meu colo em momentos oportunos.

Ao sair da biblioteca vi minha bicicleta. A lua já despontava no céu da noite. As estrelas, como sempre, também já estavam lá. Antes de sair, escrevi em meu Diário, sabendo que depois daquele encontro fortuito com o outro Diário, a vida não seria mais a mesma (mas quando ela é?):

#### **[DIÁRIO DE BORDO, Ontem]**

(...) e que nós nos reencontremos, não mais no que temos de semelhante, mas no que temos de diferente, e isto supõe uma transformação de mim

mesmo (...); é preciso que nossas diferenças não sejam mais como qualidades opacas, é preciso que se tenham tornado sentidos.

Fui pedalando despretensiosamente, deixando a biblioteca para trás, e com meu Diário de Bordo dentro da bolsa. Os pneus de minha bicicleta desenhavam ao deslizarem pelo asfalto um pensamento...

É no mais secreto de mim mesmo que se faz a estranha articulação com outrem; o mistério de outrem não passa do mistério de mim mesmo.

... que eu gostaria de ter pensado/desenhado, mas o Escritor e Filósofo fez isto antes de mim.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O homem e a comunicação: A prosa do mundo**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

---

<sup>i</sup> Advertência de Claude Lefort à edição de O homem e a comunicação: a prosa do mundo de Merleau-Ponty (1974, p.14).

<sup>ii</sup> Opto em utilizar com mais frequência o termo “pessoa com cegueira”. Tal termo revela uma condição não-visual de alguém o qual é um potencial interlocutor, um outro que evidencia uma alteridade propriamente dita, extrapolando a denominação de um indivíduo privado da vista. Os termos “cego” e “não-cego” aparecem em alguns momentos do texto, mas ressalto que não os assumo focando um organismo deficiente, mas assumo “cego” e “não-cego” como sinônimo de “pessoas com cegueira”. Alerto, assim, que a ênfase de meu trabalho é a experiência do ver e do não-ver, procurando desconstruir os aspectos pejorativos vinculados à experiência com a cegueira.

<sup>iii</sup> A percepção de outrem e o diálogo (p. 140-141) In: MERLEAU-PONTY, Maurice. O homem e a comunicação: a prosa do mundo: Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1974.

<sup>iv</sup> *Yoga* se refere à uma tradicional disciplina física e mental originária da Índia. A palavra *yoga* deriva da raiz sânscrita *yuj*, que significa “atar, reunir, religar”. Significa também união ou comunhão da alma individual com o princípio supremo, um processo de voltar-se para dentro, de sair da dualidade em busca

---

da unidade, diminuindo o espaço entre um *eu superior* e um *eu inferior*. Na Índia, o *yoga* está nas tradições há mais de 6.500 anos a.C. as quais o definem como um caminho que se abre diante de nós na busca de nossa verdadeira natureza. Sua origem histórica pode ser verificada em escrituras antigas como *Yoga Sutra*, *Bhagavad Gita*, *Katha Upanishad* e na tradição védica (*Rg Veda*, *Sama Veda*, *Atharva Veda* e *Yajur Veda*), sendo também um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu. Tais definições podem soar estranhas a nós, ocidentais. *Yoga* é uma ciência e filosofia do oriente que tentamos assimilar com nossos valores ocidentais os quais, às vezes, reduzem o *yoga* como religião ou algo místico, ou, ainda, apenas a uma prática de posturas físicas. Ao pensarmos em *yoga* nos vem à cabeça apenas as posturas (*asanas*) que são executadas e o alongamento intenso que elas podem proporcionar ao corpo do praticante. Na realidade, uma prática de *yoga* atua na mente e no corpo por meio do equilíbrio dos centros de energia (*chakras*) localizados ao longo de nosso corpo sutil e que estão ligados cada um a uma glândula de nosso corpo físico. Assim, os benefícios do *yoga* estão associados à saúde física e mental, sendo recomendado até mesmo em tratamentos médicos. O *yoga* mostra-nos que somos mais do que um corpo e que devemos ter consciência disto.

<sup>v</sup> No âmbito deste trabalho, vi o potencial do *yoga* em revelar o invisível... No entanto, as aulas de *yoga* não surgiram para realizar este trabalho de pesquisa, elas já aconteciam antes dele. As aulas de *yoga* foram ministradas entre 2010 e 2012 em uma instituição em Florianópolis (SC) que trabalha com a inclusão da pessoa cega e com baixa visão contribuindo para sua efetiva participação na sociedade. Trabalhar com *yoga* nesta instituição surgiu por meio de um trabalho voluntário desenvolvido por mim objetivando levar os benefícios desta atividade milenar às pessoas cegas e não-cegas. Desta maneira, decidi incluir estas vivências das aulas de *yoga* em meu trabalho de pesquisa pois as mesmas alimentaram bastante minhas indagações de pesquisador. O hábito de anotar meus vividos com as pessoas com cegueira em um diário trouxe uma possibilidade de estudar meus vividos e ver como eles poderiam ser explorados na escrita, traçando relações entre a fenomenologia e meu recorte de pesquisa.

<sup>vi</sup> A percepção de outrem e o diálogo (p. 141-142) In: MERLEAU-PONTY, Maurice. O homem e a comunicação: a prosa do mundo: Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1974.

<sup>vii</sup> A percepção de outrem e o diálogo (p. 142) In: MERLEAU-PONTY, Maurice. O homem e a comunicação: a prosa do mundo: Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1974.

<sup>viii</sup> A percepção de outrem e o diálogo (p. 144) In: MERLEAU-PONTY, Maurice. O homem e a comunicação: a prosa do mundo: Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1974.